POEMAS PARA MARIANA



enviados a nicolau saião

e dedicados

à sua neta

PORTALEGRE

SETEMBRO DE 97

FEVEREIRO DE 2011

Umas breves palavras

Em 1997, *pessoas oficiais* ética e moralmente deficientes e intencionalmente orientadas, tentaram consentir que irregular e desumanamente outros mantivessem afastada do meu agregado familiar a minha neta Mariana.

Reagindo de imediato, apesar do arbítrio que tentava desenhar-se capciosamente baseado em manejos irregulares e que naturalmente se venceram, referi este verdadeiro *case-study* a diversos confrades, que imediatamente fizeram chegar até mim, até nós, a solidariedade e a natural indignação expressas em poemas carreando a sua arte. Para serem dados a lume quando tal pudesse ser.

Os tempos foram passando, a Mariana cresceu e o "sistema legal" modificou-se um tanto, sem todavia ter perdido de todo as suas negativas *características nacionais* de burocracia habilmente estruturada para que, em dados casos – (a que certas entidades, visando fazer permanecer o conservadorismo de cepa oportunista, dão sombrio apoio com a hipocrisia que secularmente se lhes conhece) - a anti-democraticidade continue, pois isso interessa a certa "elite" que através dos anos se tem visto paulatinamente apeada do seu *múnus de beatos-falsos* e presuntivo "direito divino" com que tentam tutelar a sociedade. E que buscam controlar agremiando-se em grupelhos de entrosamento bem conhecido…

Desautorizdos pela inevitável laicização das sociedades, não recuam perante qualquer "*golpada*", quais operativos fanáticos de antanho.

A Mariana, por decisão legal, está hoje à nossa guarda, aguardando-se que, por seu desejo expresso e legalidade, connosco fique definitivamente.

Pelo seu bem-estar lutámos e lutaremos sempre, que não caiba dúvida a quem a tenha ou simule ter…**Nunca abateremos bandeiras!**

E como *tudo tem o seu tempo*, como se refere argutamente no Eclesiastes, e porque hoje em dia as novas tecnologias (de que os computadores e a Internet fazem parte) nos facultam poder elaborar um livro como o que tendes aqui digitalmente, sem que se despenda alta verba (que não tenho), vos envio assim este *não-infólio* que arrola autores - de Matilde Rosa Araújo a Paulo Lucena, de António Salvado a Orlando Neves, passando por outros significativos nacionais e estrangeiros como sejam Amadeu Carvalho Homem, Guiomar Fernandez, Miguel Palmério, Ignácio Maragall…

Que vos seja aprazível a sua leitura e contemplação..

A todos, o meu obrigado!

ns

OS TEXTOS, OS DESENHOS, OS AUTORES…

MATILDE ROSA ARAÚJO

(à Mariana, com um beijinho da amiga)

Os direitos da criança

A criança,

Toda a criança,

Seja de que raça for,

Seja negra, branca, vermelha, amarela.

Seja rapariga ou rapaz.

Fale que língua falar,

Acredite no que acreditar,

Pense o que pensar,

Tenha nascido seja onde for,

Ela tem direito…

(…)

Em situação de perigo

A criança, mais do que nunca,

Está sempre em primeiro lugar…

Será o sol que não se apaga

Com o nosso medo,

Com a nossa indiferença:

A criança apaga, por si só,

Medo e indiferença das nossas fontes…



Desenho para divertir a Mariana, de Magda Custódio , 2000

AMADEU CARVALHO HOMEM

A Menina Que Nasceu

Da menina sabemos coisas várias:

A pequenez do rosto,

As mãozitas vagantes no lençol,

O tímido choro sem lágrimas visíveis

E o resto do mundo que ficou lá fora.

A menina sabe pouco de nós:

Suspeita que lhe queremos?

Não conhece certamente

Que o nosso rosto tem as rugas

Das malfeitorias perversas;

Que das nossas nãos,

Vagando na espera de carícias adiadas
Saem as rosas da Santa Rainha
E os punhais dos Bórgias;
E não sabe que quando choramos
As lágrimas são grossas
Como cordões de penas,
De fundas penas que pelo que somos
Ou nos obrigam a ser.
E tudo o que sabemos da menina
Que pouco sabe de nós,
Tudo isso nos impele
A desejá-la assim por muito tempo.
Assim, de rosto pequenino,
De mãos perdidas no lençol,
De choro em melopeia,
Longe, longe da teia
Do mundo restante
Que ficou lá fora.

JOÃO GARÇÃO (*tio da menina*)

À Mariana

Soube de ti quando estava distante
Da tua terra, esse lugar virtual
Como se diz em muitos artigos
Em livro ou em referência de jornal

Soube de ti, pequenina, como sei
Às vezes de outras crianças do Mundo:
Vivendo entre ausências, entre comas

À imagem de oitenta vezes por segundo

Em Portalegre, cidade emparedada
Entre a beleza dos campos e a verdade
Do real que vive nos lugares
Onde essa mesma verdade é camuflada

A tua inocência é uma flor da vida
Que o cinismo utiliza como entende
Porque um sistema iníquo lho consente
- pois é fruto da indiferença pervertida.

O tempo que ora vives sem saber
Um dia saberás que é verdadeiro
Mesmo que esteja longe, esteja ausente
E não deseje o beijo mais fagueiro

Um dia saberás que é bom dizer
Com dignidade altiva um sonoro basta!
Que é bom ter quem nos ame, bom viver
Fora da escuridão de quem te afasta

GUIOMAR FERNANDEZ

Para Uma Criança

Um beijo não serve
Não cura
Não emenda a mágoa
Não faz sair uma estrela
Do negrume das palavras

Não faz crescer em volta
Uma chama
Um grito
Uma alegria.
Pequeno, quase inútil
Como uma luz débil
Num bolso
Numa rua que se fecha.
Mas
Mesmo assim to mando
Garota celebrada
Por minha grande amargura
Minha ternura
Por extrema e dura vergonha
Do mundo que um dia
Irás saber por ti.

IGNÁCIO MARAGALL

Toada para a Mariana

Tiridim, tiridum
Um galo canta perto
Acordo e penso que o mundo
Já nasceu.

Tiridum, tiridim
Uma estrela treme treme
Sobre a casa do homem barbado

Tiridum, tiridum

Uma menina abre um olhinho
Quando a noite boceja

Tiridim, dim dum
O vento canta nas portas
Da casa do homem sem nome

Um gato, tiridim, ondeia
Pelas ruas, pelos telhados

Quando a lua, tiridum, nos olha
Lembrando-se da nossa cara

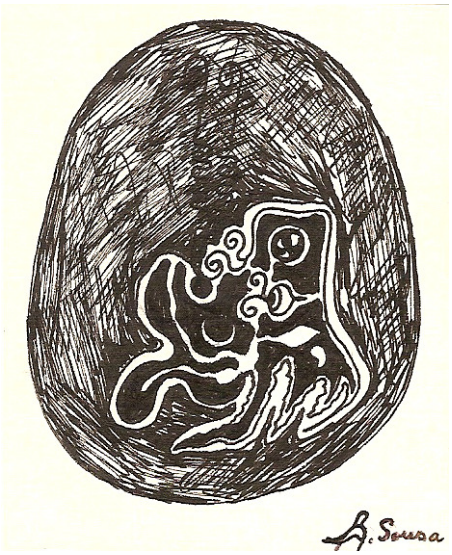
Tiridum, dum dim
Uma vela
Tremula quando a manhã chega

Dim dim dum, tiridim
É a criança que pede
A mão terna que a acalenta

Os gnomos, tiridum, aguardam
Que um novo dia desponte.

Lérida, nov. 97

Trad. ns



Um desenho para a Mariana, de Manuel de Almeida e Souza

RUY VENTURA

Para A Mariana, Uma Criança Alentejana

Nada sei dos pássaros ou dos dias
De calor nem mesmo conheço
A transparência da rama dos pinheiros
Movendo-se como quem procura num astro
Ou em qualquer outro telhado
A altura dos corpos pela manhã
A sua órbita foi
Ocupando cada face como um lençol
Ou como uma cidade que cresce
Nada sei das suas formas
Nem tão pouco da sua estranha fotossíntese
Desenho que nem a morfologia
Das vidraças
Tem conseguido traduzir
Como estrelas
Ou linguagem.

ORLANDO NEVES

Poema De Cantar Brincando

Os teus olhos cuja cor imagino,

Belos como um barco à noite no mar,

Hão-de virar o destino

Das coisas que não soubemos mudar.

As tuas pequenas mãos, inocentes,

Puras como lágrimas de alegria,

Farão de tudo o que inventes

Um carrocel de fogo e magia.

A tua voz que ninguém calará,

Bailado do vento em prado de rosas,

Todos os dias dirá

As palavras certas, mas fabulosas.

O teu riso de mulher e princesa,

Aberto ao sol como árvore serrana

Garantirá a pureza

Dos sonhos que sonhares, Mariana.

(Janeiro de 98)

CARLOS GARCIA DE CASTRO

A Boneca Loira

O dia era de sol, muito brilhante, dir-se-ia que da cor da inocência, como a alma das crianças e também a das bonecas com que as meninas gostam de brincar. Pode afirmar-se que as meninas se transportam nas bonecas. Mariana também trazia uma dessas bonecas, muito loira.

Andava a brincar, ao pé da casa dos avós, num largo sossegado e bem-avindo. Um homem passeava, e surgiu-lhe pela frente, mas ela não se inquietou, quando ele lhe perguntou com se chamava.

- Sou Mariana.

- Ah! És a neta do sr. Francisco.

- Pois sou.

- E tu, já conheces alguma história do Capuchinho Vermelho.

(Todos os senhores se lembram de falar sempre na história do Capuchinho Vermelho).

- Já. E eu gostei muito.

Aquele homem parecia ser muito curioso, mas Mariana, menina bem educada respondia sempre a tal senhor, porque ele tinha uma cara igual às pessoas boas, como todos lá em casa do avô. Tomou coragem, e perguntou também:

- E o senhor, quem é?

- Quem te parece que eu seja?

A menina lembrou-se outra vez da mesma história, e respondeu:

- Eu gostava que o senhor fosse o Caçador do Lobo Mau,

O homem, ao retirar-se, ainda aconselhou:

- Olha, Mariana, vai dizer ao teu avô, que é um Poeta, que já viste o Caçador do lobo Mau Ele há-de entender isto melhor que tu.

- Mas o meu avô não é o Lobo Mau…

- É por ele não ser o Lobo Mau que eu apareci.

Mariana achou tudo muito natural, e aprendeu como é bonito haver pessoas de boa cara, porque a mostram às pessoas e lhes dizem logo quem são, sem as enganar. Voltou a chamar o homem:

- Ó senhor! Pode ficar com a minha boneca loira.

Fins de Janeiro de 1998

ANTÓNIO SALVADO

Para a pequenina Mariana *(com um beijo)*

És a pureza: o coração da vida

a latejar de esp'rança claridade,

ó flor de sol tão colorida, linda

perfeita pérola a desabrochar.

Os altos céus brindaram o destino

do teu itinerário com beleza!,

ó fragrância de luz, feliz certeza

de um futuro de amor envolto em brilho.

PAULO LUCENA

O Desenhador

Mariana

A ternura abraça e beija a terra

Tudo será lenços branco cor de paz

Cor de pão, aroma verde,

Amor, amor

Amor, palavra nova

Um dia a sede será a fonte

Por onde se escoa o pensamento

E o pensamento será amizade e beleza

Um dia a humanidade

Será trabalho de mãos nuas

Despido de vaidade

Que pobres somos por sermos nada

Vizinhos perdidos entre janelas espreitando

Por termos crescido ignorando

Qual é o teu nome e a tua morada

Vimos-te de relance interrogando

Esperamos a nossa vez

E tu só és um beijo que não parte

Braços erguidos

Colunas frias de mármore

Que logo se quedam

Em estátua

Um riso geométrico

Desenho de régua

Uma lágrima que teima

Em ser telenovela

Um soluço em ritmo fora do compasso

Palavras desafinadas

À procura da melodia do rouxinol

Segredos pelos cantos como sonatas

Interrompidas pelos teus passos

Olhares de silêncio

Para te

Viagens sem aviso nem adeus

Uma ilha de náufragos

À espera de coisa nenhuma

Tu és um vulto ausente …coisa…

Brincando, qual pássaro numa esplanada

Cheia de gente distraída

Com pássaros como tu

Soltando de migalha em migalha

És um desenho animado

Que satisfaz os anseios dum desenhador

De volta são estranhos

Sombras sem forma

À espera…à forma…

Esperam pelo último traço do Desenhador.

JOSÉ DO CARMO FRANCISCO

Mariana Sitiada

Querem-te em casa de cinza,

Com silêncio nas janelas

E portas sempre fechadas

Querem-te sempre calada

Numa paisagem hostil

Onde dormes inquieta

Querem-te sempre esquecida

Memória despovoada

No meio desta batalha

Querem-te em casa de sombras

Com a música desligada

E os desenhos sem cor

Querem-te em casa de pó

Que se desfaz devagar

Nas primeiras chuvas grandes

Querem-te enfim sitiada

Num castelo de rancor
Sem ponte nem porta aberta

Não sabem que a noite morre
Na chave da madrugada
Quando a luz varre a sombra

Não sabem que a tua voz
Há-de subir no silêncio
Para gritar um desejo

Não sabem que os teus passos
Hão-de querer um caminho
À procura dum encontro.

C. RONALD

Mariana

Como vens, menina, p'ra frente da câmara
tramando nessa foto toda a beleza ainda sem história?
O avô é diariamente algo que acontece e manuseia o céu
para colher ideias e entre todas
o murmúrio múltiplo da grandeza que adiantas.

Foste imprevista como é a natureza.
Só a perfeição tira o ser do nada, a alegria separa
os lábios para dizer que a vida cresce.

Imagens engatinham juntas desde a porta

de onde saíste para que a raridade

também fosse deles: avô e avó

maravilhados por tua graça.

SHINJIRO ISHI

Poema

Que ilha é aquela? Uma ilha

Onde os pássaros do mar ondulam

Entre os pinheiros anões.

A nuvem forma um rasto

Como o fumo de um jacto

E eu escrevo

Para lá é outro céu

E ainda um outro céu

E um país distante

E uma menina aguarda

Os versos que para ela faço

Que escrevo frente ao mar

E uma lágrima tomba

As crianças do mundo choram

Pelo tempo que as manchou

E eu escrevo, escrevo

Para uma menina que não conheço

A não ser num retrato

E os pássaros do mar esvoaçam

Por cima da minha casa

Como se fosses nuvens

Eternamente postas

Num sorriso triste.



Participação da Mariana, aos 10 anos, na Mostra de Arte Postal de Sidney, com o avô ns, tema "House and World"

MIGUEL PALMÉRIO

Poema

Quente e quieta, posta
Em forma de rosa (trémula, pequena
E nua) a mão

Desta menina parece
Uma anémona uma estrela um bichinho
Inventado
Ardente como um sorriso
Ou um silêncio.

ARMINDO REIS

Poema Para Uma Menina Chamada Mariana

Uns olhinhos cintilantes
Percorrendo a casa toda

A luz de estrelas cadentes
No brilho há, sem igual:
São bolinhas reluzentes
De uma árvore de Natal

Tem asas de borboleta
Nas faces rosadas cor
-menina em jeito de dança
Linda, parece uma flor.

Sejam livres os teus olhos
- Princesa roubada não! –
Ternura te chegue aos molhos
E afague teu coração.

GÉRARD CALANDRE

Poema Para a Mariana

Em 1891 o pintor provençal
Paul Cézanne respondendo a uma sugestão
Dum seu caseiro pintou
Uma criança juntou a um galinheiro.
Era teimoso Paul Cézanne
Se lhe pediam que pintasse a igreja
De nossa senhora de Marselha
Olhava para o ar
Se lhe pediam um retrato da minha deles senhora
A legítima estão a entender
Punha-se a olhar para o vazio

- que bem percebido não era um vazio
ele via por lá muitíssimos segredos –
Se lhe pediam uma natureza morta para
Depois dos aniversários ele fingia que
Não ouvia e depois ia urinar contra um muro
Uma figueira um banco velho
Em resumo
Cézanne queria-se mais com os hortelões
Não gostava de vivaços
Ia à missa por higiene e porque
Pelos vitrais coava-se uma luz lindíssima
Ora um dia
Numa carta vinda do *Alentejo*
Um poeta contava-me isto tudo
Não fui eu que inventei – que de pintura
Só conheço o grande estremeção do Quatrocentto -
Contava-me e eu percebi
Este poeta tinha coisas que podia contar
Tinha ódios tinha gostos de criar bicho
Em suma até já lhe mandei versos

Hoje não lhe mando versos a ele
Aliás não lhe mando verso nenhum
Isto é apenas uma carícia para uma criança
Não sei se por ali há galinheiros
Figueiras bravas papoilas provençais
Mas sei que há uma criança
Uma criança que o tal poeta ama
É sua Neta

Há pessoas que ainda não o perceberam

É uma criança pequena

Atenção meus amigos da Europa

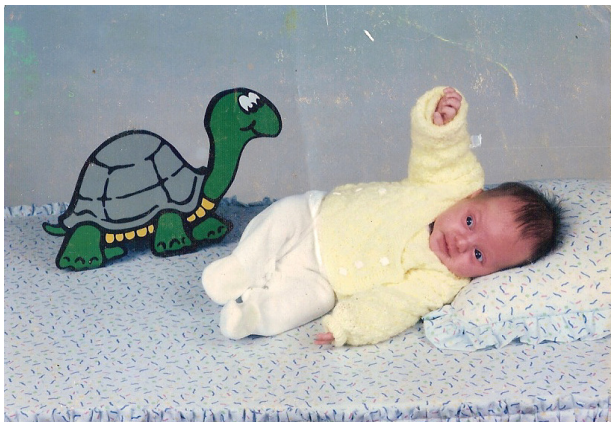
De França, de Itália

Não deixemos que roubem a Neta ao poeta

Não deixemos outra rima por fora suja degradada.

(Trad. ns)

PEQUENA ANTOLOGIA DE FOTOS, PELO TEMPO...



Mariana aos 23 dias, foto do pai para o avô fg/ns



Mariana gatinhando com a avó Flora



No banho, em pequena



Com o pai, na sala da casa do Atalaião



Flora e Mariana no quintal da casa de Arronches



Mariana e o avô na pontezinha do El Marco, España



Maria Estela Guedes, Mariana e o avô, numa exposição no Museu de Estremoz

(Foto de José Cartaxo)



Mariana e Joana Ruas, cais de Huelva, viagem/visita a Floriano Martins(2009)



No casamento do amigo Paulo(Xepa), em frente do pai e de braço dado com o tio Gaspar